

Entre a utopia da esquerda e a maldição da direita: as consequências de um voto irreverente em uma sociedade desesperançada

Fernando Alberto Dutra Fernandes¹

A sociedade brasileira se prepara para mais uma escolha, a meu ver, plena na incerteza do imponderável. Sejam lúcidos ou hipnotizados, os votos que estamos prestes a decidir a quem dar estão à deriva em um mar revoltado sem sabermos, ao certo, a qual porto ele nos levará. Certo é que a omissão não é uma saída, e se quisermos uma sociedade que possa se tornar gradativamente mais amadurecida e democrática nós teremos que optar, mesmo que seja entre o menos pior, com grandes riscos de errar.

Certo que a retórica não é incomum em nosso país, e nem será a última, pois na raiz de um processo social que leve ao crescimento de uma consciência política, esbarra-se em opções desta natureza, que se faz resultado também das más escolhas progressas, principalmente que se refira a da omissão.

O cenário político destas eleições aponta um panorama de opções pouco desejáveis: ou uma esquerda carcomida pela corrupção que tenta iludir o cidadão sobre uma inocência insustentável e uma utópica perseguição das forças titânicas do sistema, como se ela não fizesse parte destas forças; ou uma representação arcaica da direita sustentada na desesperança nas instituições e nos homens, que pode representar um retrocesso e uma escolha institucionalmente democratizada de novo controle militar da sociedade, desta feita, representada no poder executivo federal e em todos os veículos de governo sob o seu comando, uma vestimenta nova de ditadura democraticamente escolhida pelo povo.

A uma devemos a herança de uma crise atual que nos retirou do cenário de participantes da proeminência política e econômica mundial por mais de uma década, e que nos levará por outra na mendicância por dias melhores, e que retirou dos brasileiros a ilusão da riqueza há tanto esperada, e, ao contrário do que tenta incutir na mente dos desavisados, causa inicial de uma desesperança de muitos nesta nação. A outra, oportunista da desesperança, causa primária dos maiores pesadelos vividos no Brasil, pesadelos estes que nunca serão esquecidos e que não se deseja que retornem, e que podemos ficar devedores pelo amargo arrependimento da escolha em desistir, não só de lutar pelos direitos nunca respeitados, mas, primordialmente, pelos direitos que ainda não foram conquistados porque estes dependem de amadurecimento das consciências e da escolha política.

Estamos prestes a decidir se queremos isto de fato. As escolhas não são fáceis, pois os agentes políticos não inspiram confiança. Certo é que quando o melhor não é possível ou não está disponível não podemos olvidar a responsabilidade da escolha, pois assim também estaremos escolhemos aquilo que não desejamos, ou ao menos, estaremos deixando outros escolher por nós, o que não nos dá o direito de reação futura. “Chutar o

¹ *Fernando Alberto Dutra Fernandes* é doutorando em direito, mestre em ciências contábeis, contador, advogado, economista e professor titular no UNIFESO nos cursos de Administração e Ciências Contábeis. E-mail: fernandes.fads@gmail.com

pau da barraca” não é escolha plausível, pois a barraca pode cair em cima de nós e nos sufocar. Da mesma forma que ajudar a enaltecer o ruim por conta do descontentamento, não é opção racional, haja vista que depois será difícil desconstruí-lo.

Portanto, devemos de refletir. Nem sempre o ótimo ou o bom está disponível como opção, mas entre o ruim e o menos ruim, talvez melhor ficar com este último, mantendo viva a esperança de dias melhores, com a responsabilidade cidadã da escolha e não a irresponsabilidade casuística da omissão.

Vamos ao voto, se possível, com consciência. Não busque o perfeito ou, sequer, o melhor, mas, talvez, o possível, o menos ruim. Desistir não é opção, é sufrágio. Não ouvir é denúncia contra a razão, esfolamento da alma social, da consciência racional, filha da esperança cidadã.

A nós, professores, empresários, profissionais, cidadãos conscientes, o papel do personagem social se exige. Na medida da consciência e da opção de cada um, há de se levar uma luz, que seja tênue, aos que estão perdidos sem saber o que pensar e o que fazer, com responsabilidade, com respeito e com vontade de promover mudanças. Se estas indicam ou chegaram ao porto seguro, não sabemos, mas o que não podemos promover é a negação, é a omissão, é a irresponsabilidade com o futuro onde viverão nossos queridos e os seus pares em sociedade.

Que Deus nos ilumine! Bom voto!

OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL Entre a utopia da esquerda e a maldição da direita:
as consequências de um voto irreverente em uma sociedade desesperançada